

Quando eles ainda conversavam...

Marcone Formiga

Além da disputa, para fechar logo a questão de quem é, finalmente, o número um da cidade, qual é a cabeça dos empresários Luiz Estevão de Oliveira Neto e Paulo Octávio Pereira?

Sua escala de valores, como se conheceram, o que um pensa do outro, a amizade que os uniu (e também desuniu) a Fernando Collor de Mello, como começaram sua vida de empresários de sucesso são pontos que começam a ser preenchidos a partir de um pingue-pongue feito com os dois — quando era possível juntá-los na mesma mesa, há três anos.

Hoje é mais fácil unir servos e croatas do que os dois estenderem a mão em um gesto de conciliação.

COMO SE CONHECERAM

Luiz Estevão — Foi em julho de 1966. Não sei precisar como ocorreu nosso primeiro encontro. Certamente que foi em um dia de aula no Ciem. Sem dúvida nenhuma nos conhecemos na escola.

Paulo Octávio — Bom, foi isso mesmo, em julho de 1966. E nessa aula de História ele me surpreendeu pela eloquência com que respondia às perguntas do professor.

QUEM TINHA DINHEIRO NA ÉPOCA

Luiz — Rico nenhum de nós

dois era. Meu padrão de vida, na época, era um padrão de vida muito modesto. Tinha acabado de mudar do Rio para Brasília, porque meu sonho, na época, era ser professor...

Paulo — Bom, naquela época eu já começava a me virar. Fazia corretagem de seguro para ganhar dinheiro, além de vender ações da bolsa aos professores.

DISPUTA POR GAROTAS

Luiz — (Prefere dar uma gargalhada, sem responder).

Paulo — Que eu me lembre, nunca houve.

AMIZADE COM COLLOR

Luiz — Eu não sei avaliar quem era mais chegado, ou menos chegado, porque aí se entra num exercício de comparação, e eu acho que ninguém na vida, ao desenvolver um relacionamento de amizade, está preocupado em saber se outras pessoas estão mais relacionadas. Amizade não é um negócio comparativo, amizade não dá para comparar. Eu o conheci na escola, porque ele entrou na mesma época que eu.

Paulo — Eu também o conheci nessa época do Ciem. Estabelecemos uma amizade descontraída, uma amizade gostosa. Dizer quem era mais ou menos, ou quem é mais ou menos agora não vem ao caso.

SONHOS DA JUVENTUDE

Paulo — Eu me vejo como um eterno otimista. Quando eu tinha 16 anos já ouvia dizer que o Brasil estava em crise, e já se passavam tantos anos mas o Brasil continua em crise. O que eu sinto é que muitas vezes o pessimismo impede que as pessoas se desenvolvam e deixem de sonhar. Eu sonho o tempo todo em meu dia-a-dia.

Luiz — O grande valor que me ensinaram na vida foi avaliar as pessoas pelo valor intelectual e nunca pelo valor material. O va-

lor material é uma conquista circunstancial. Agora, os valores morais, os valores intelectuais, são os que permanecem. Essa primeira noção da vida foi muito marcante para mim. Meu grande sonho realmente era ser cientista, sonho que alimentei desde menino.

HOBBIES

Luiz — Coleciono quadros, amigos, essas são minhas coleções...

Paulo — Eu gosto de fotografias. Coleciono fotos da família.

QUEM APOIARIA QUEM PARA GOVERNAR BRASÍLIA

Luiz — Olha, eu apoiaria... O ato de apoiar alguém numa disputa política é sempre um processo seletivo, porque entre os candidatos, muitas vezes, você não encontra o ideal, mas encontra um que mais se aproxima do ideal, e entre aqueles você escolhe o candidato. Diria que apoiaria qualquer candidato que me mostrasse um passado de competência, probidade e compromisso com o futuro de Brasília.

Paulo — Eu acho que uma grande liderança de Brasília, sem dúvida nenhuma, é o Roriz. E sinto que existe um projeto, no qual me engajei desde o início.

Por isso na próxima eleição meu compromisso será com aquele candidato que aglutinar um grupo político, chegar a um consenso, e seja alguém que ame a cidade, merecendo o respeito da população.

O QUE É CERTO E ERRADO EM BRASÍLIA

Luiz — Não tenho dúvida que a proposta urbanística de Brasília está certa. Por ser uma cidade nova, Brasília é uma proposta de vida nova também, de qualidade, bem-estar. Brasília é uma cidade que, pela sua concepção urbanística, está formando uma juventude diferente das outras cidades. A cidade em si, o urbanismo de Lúcio Costa, está produzindo uma nova geração do homem brasileiro. O que acho errado em Brasília é o mesmo que acho no resto do País, é a desigualdade social.

Paulo — Todas as pessoas que vieram para Brasília trouxeram aquela determinação de construir uma vida melhor, fincaram suas raízes e aqui fizeram suas vidas. O que há de melhor em Brasília, sem dúvida nenhuma, sempre será esse otimismo, esse sonho de cidade prometida, da capital do Terceiro Milênio, da cidade tombada pelo Patrimônio Histórico. O que existe de negativo é que

sinto aquela tendência das pessoas muitas vezes se apoiarem no governo para poder vencer na vida. Da minha parte eu tenho feito o que posso. Todos os meus investimentos são feitos em Brasília. Não tenho um tijolo fora da cidade, tudo aqui está concentrado. Qualquer empreendimento empresarial que eu tenha terá o propósito de gerar emprego.

O QUE UM ACHA DO OUTRO

Luiz sobre Paulo — Tem sido um empresário vitorioso. Acho que se trata de uma pessoa com o senso de oportunidade muito apurado. Quanto às nossas relações, eu diria que a vida é um processo de eterna aprendizagem. Acho que o importante na vida é isso. É você refazer conceitos todas as vezes que acreditar que eles precisam ser refeitos.

Paulo sobre Luiz — Eu sempre achei Luiz uma pessoa muito preparada, uma pessoa que sabe o que quer. É um empresário vitorioso, bom pai, e que como todo ser humano tem as suas falhas. Nós já tivemos um contratempo, mas num país em que todos buscam um entendimento, nós nos entendemos também, e que as nossas relações, que já foram melhores... Luiz interrompe para acrescentar: — E que já foram piores...